

A AGRICULTURA E A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DE AGRONOMIA

FRANCISCO ALVES DE ANDRADE

A LENDA E A VERDADE

Existiu na antiga China, muito antes de LAU TSE e de CONFÚCIO, um rouxinol que cantava nos jardins do Imperador. O seu canto era tão belo e de gorjeios tão suaves, que vinha gente de longe só para ouvi-lo cantar. Mas, preocupado com as finanças do seu País e com a poupança do seu tesouro, desconhecia o Rei os encantos do passarinho cantor.

Desenganado com a indiferença do reino, o pássaro voou para bem longe, até que a notícia chegou com espanto aos ouvidos do Imperador, que ordenou a um dos seus arautos a captura do rouxinol.

Guiado por uma fada, o emissário alcançou o pássaro e o entregou ao potentado, que, embevecido com o seu canto, mandou construir-lhe uma gaiola de ouro, passando a ouvi-lo, antes do expediente, todas as manhãs.

Invejoso daquela consideração, um áulico da corte, inimigo da Natureza, deu de presente ao Rei um pássaro de cordas. E o responsável pelo governo da China esqueceu-se do pássaro de verdade e passou a ouvir tão somente o pássaro artificial, até que um dia, deixando aberta a porta da gaiola, o rouxinolzinho fugiu e voltou ao seio da floresta.

Veio outro dia em que o pássaro de cordas enguiçou. O engenheiro artificial quebrou-se, e o Rei ficou desesperado. Viu que fora enganado. Lembrou-se do rouxinol de verdade que lhe trazia o canto da Natureza, a harmonia da Vida, a graça das fontes puras, o que ajudava o Rei a engrandecer o seu povo, cantando-lhe ao nascer do Sol, todas as manhãs.

Mas, o rouxinolzinho, sem rancores e sem temor, não tardou em voltar. Decepcionando os caçadores, veio espontaneamente e disse para o Rei na janela do seu jardim:

— Voltarei, sim, todos os dias, cantar aqui ao nascer do Sol. Mas não me deixarei prender em tua doirada gaiola. Prefiro a minha liberdade. Sou um filho da Floresta. Meu cântico é a verdade e meu tecto é a amplidão! . .

No dia em que comemoramos a data consagrada ao Engenheiro Agrônomo do Brasil, não nos pareceu estranho que iniciássemos as palavras desta nossa mensagem, contando uma estória para crianças. O dia 12 de outubro, data consagrada ao Engenheiro-Agrônomo, é também o dia da Criança. A Agronomia como profissão é ainda muito jovem. E à juventude desta Escola se deve a iniciativa desta Semana do Engenheiro Agrônomo.

Uma coisa, porém, nos preocupa e ela constitui um dever de consciência. O desenvolvimento da agricultura no Brasil está gritando por recursos humanos, o que para nós vale dizer, pela capacitação do Engenheiro Agrônomo. Depende da formação humanista e técnica com raízes deitadas na problemática mundial, nacional e regional.

Há uma crise mundial de alimentos e de matéria-prima mineral, vegetal e animal. Eis que o Brasil tem para este fim um potencial inigualável de recursos, que devem ser mobilizados, aproveitados, com respeito à conservação e melhoria da natureza viva. Este problema não se resolve com ambições individuais, com a cobiça mergulhada em enganosos artifícios.

Embora tenha lutado com denodo, o Engenheiro Agrônomo quase o tem feito individualmente, pois, à falta de maior solidariedade profissional, subsiste o marasmo da passividade, falta de coragem de atitudes, sinceridade de propósitos, que devem ser ouvidos, recomendados, exigidos, aqui, ali, além.

A plataforma para a decolagem do trabalho do profissional de Agronomia começa aqui, onde temos que nos solidarizar no conhecimento e amor à terra, ao labor rural, o que não se faz na clausura de quatro paredes. Temos que saltar estes muros e alcançar a vida como ela é. O nosso livro é a Natureza, o Mestre é o campo, é o diálogo, o envolvimento com a problemática da terra e do homem. E isso não se faz com artifícios burocráticos, sem audiência dos que ensinam, dos que aprendem, sem o atendimento à demanda do que se faz necessário, como resposta ao campo.

Por falta da nossa lealdade e da nossa franqueza profissional, uma grande culpa nos atinge de cheio. Eis que a nós todos se apli-

ca aquela estória de criança, mas que contém uma forte e linda mensagem. Assim, meu caro colega Engenheiro-Agrônomo, Agricultor ou Criador, Profissional Liberal, Técnico ou Assessor, Professor-Profissional ou Profissional-Professor, seja franco leal e simples como aquele rouxinol: diga sempre a sua verdade ao Imperador.

A AGRONOMIA E OS FATORES DE ATRASO DA AGRICULTURA

A Agricultura é arte e atividade do homem livre. A Agronomia, que é a agricultura científica é formadora de técnicas agrícolas. E é constituída de um Universo de conhecimentos que investigam e aperfeiçoam métodos, técnicas, processos e normas, tendo em vista a exploração da terra pelo homem, através da planta, do animal e respectivos produtos, tendo em vista o estado melhor da sociedade humana.

A Agronomia é um sistema, assim como a Agricultura é um sistema, cujo centro é o Homem, como causador e fim de todas as preocupações. Sem este entendimento, nem a ciência, nem as técnicas teriam sentido.

Existe uma Agronomia tecnológica apoiada nas técnicas, assim como existirá uma Agronomia social, apoiada no conhecimento do Homem-Agricultor. A falta desta inteligência e filosofia é que permanecem por aí estanques, certos centros sem órbitas, uma inovação artificial, como aquele presente chinês do Imperador.

Não nos deteremos neste aspecto fatigante, pois está diante de nós o problema universal do setor agrícola, que é mundial. E o sociólogo francês, Jean MEYNARD, em seu livro, *Fatores de Crise na Agricultura*, chegou à conclusão de que quatro fatores parecem explicar o atraso agrícola no mundo: o *Primeiro* está na interdependência solo-planta-clima, incontrolável em suas causas, embora corrigível nos seus efeitos. A solução deste problema é tarefa do cientista de Agronomia operando num sistema com outros cientistas e requer muito investimento em pesquisas; o *Segundo* provém do desvio de poupanças do setor agrícola para os setores secundários e terciários — indústria, comércio e outros; o *Terceiro* relaciona-se com os sistemas de ensino no que tange à agricultura (é o que nos interessa de perto como professores e estudantes de Agronomia); o *Quarto* fator do atraso ou retardamento do desenvolvimento da Agricultura consiste em que esta atividade está bloqueada por estruturas anacrônicas ou desajustadas comprometidas com a exploração do homem pelo homem, institucionalizando ou deitando as suas raízes no regime de servidão.

O DESAMOR AOS PROBLEMAS DA TERRA FRENTE A UMA TOMADA DE POSIÇÃO

Escritor humanista e culto jornalista, EDUARDO CAMPOS, vem de escrever um livro corajoso que tivemos a honra de prefaciар. Em seu nobre e oportuno estudo, faz uma valiosa crítica ao desamor dos problemas da terra por parte dos homens de letras do Ceará, crítica que pode ser generalizada a outras regiões do Brasil. Comenta o problema do arrasamento da vida natural, que se acompanha do esvaziamento mental dos artífices da civilização do consumo. Muitos dos que ocupam posições de mando parecem haver renegado o amor à fauna e à flora, e de tal modo que as novas gerações, repudiando mesmo as preocupações com a natureza viva, tornaram-se insensíveis à moldura ambiente.

No fundo da cena, subsiste a primitiva lavoura extensiva e itinerante, praticada pelo homem pobre, desassistido e explorado em seu trabalho. Como sair em defesa dos recursos naturais pergunta o autor, sem primeiro enfrentar e resolver de modo corajoso os processos primitivos de que se utiliza o sertanejo?

E o jornalista insiste naquela censura muito comum, e MESMO geral, que recai na responsabilidade dos profissionais de Agronomia: *“sejamos práticos, diz ele, formamos técnicos, incrementamos a pesquisa, programas de extensão rural, — mas formamos, salvo honrosas exceções, engenheiros-agrônomoс que ficam nas grandes cidades, esquecidos de que o campo, por deficiência de orientação, apesar dos pinçamentos esporádicos dos planos de assistência técnica, o agricultor continua insensato pela sua ignorância, carbonizando o chão de que se nutre”*.

Em nossa defesa, argumentamos: o ensaista disse a verdade, mas não toda a verdade. De certo, houve omissão. Há que arrancar o pano desse palco e ver os seus bastidores que ocultam os escombros onde se movem os atores do drama da agricultura, os fatos, as condições em mira de uma debandada ou atitude de fuga. O certo é que não se enfrentou ainda corajosa e profundamente o problema.

Nem o agricultor ignorante e desassistido, nem o agrônomo distante pode ser o bode expiatório dessa desdita. O problema é de natureza estrutural. Há que ser revisto dentro de sistemas, pois a agricultura é um sistema. O nosso País padece de uma estrutura agrária e administrativa de alto a baixo contraproducentes, senão impeditiva do desenvolvimento.

O agrônomo não se distanciou do campo, dele excluindo-se nas cidades por império próprio. Ao contrário, foi obrigado a isso pela burocratização dos serviços assistenciais, por omissão daqueles que

deixaram de lutar pelo provimento de recursos e meios compatíveis com as necessidades do meio rural. Desmontaram até mesmo as bases de operação no interior: postos agropecuários, fazendas de criação, campos de sementes, que vinham sendo cuidados pelos agrônomos, embora com limitados recursos. Muitos saídos das escolas realizaram trabalho pioneiro digno de nota. Não se analisou ainda, com objetividade e com espírito de acerto, o fenômeno da decadência dos órgãos institucionais de fomento e extensão no Brasil. Os serviços são substituídos por novas organizações à base de meras tentativas.

Há uma contribuição crítica apreciável dos engenheiros-agrônomos nos Anais dos Congressos de Agronomia, a exemplo dos que aqui se realizaram, em reuniões nacionais e regionais das Associações de classe. O 1.º Encontro dos Engenheiros-Agrônomos do Nordeste teve lugar aqui, nesta Escola de Agronomia em outubro de 1968, bem como aqui também se realizou o VII Congresso Brasileiro de Agronomia, no período de 6 a 14 de outubro de 1971, cujos Anais contêm o pensamento e ação dos profissionais de Agronomia, em conclusões estudadas, debatidas. Neste último Congresso, a Federação das Associações de Engenheiros-Agrônomos do Brasil ofereceu a doutrina da classe em um documento sob a epígrafe — *Bases para o Desenvolvimento agrário do Brasil* —. Numerosos são os memoriais dirigidos pela classe ao Sr. Ministro da Agricultura, oferecendo indicações básicas para os nossos problemas. E ainda no corrente ano, ao desencadear-se a vigente seca, os Engenheiros-Agrônomos do Ceará levaram ao conhecimento do Engenheiro-Agrônomo Maurício Rangel Reis, atual Ministro do Interior, a sua espontânea contribuição ao problema das Secas do Nordeste, em memorial que teve repercussão nacional, estudo dos grupos de trabalho de nossa Associação, sob a profícua direção do atual Presidente, Engenheiro-Agrônomo e Deputado Francisco Diógenes Nogueira. Nesse memorial, foram lembrados todos os antecedentes da nossa luta pela dinamização da agropecuária do Ceará e do Nordeste.

O que se faz necessário é uma tomada de posição, com maior amplitude de solidariedade social, sem o vesgo das omissões que impliquem na indiferença ou na quebra dos valores éticos que acompanham o agrônomo brasileiro em sua dignidade profissional.

O SISTEMA DE ENSINO E FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DE AGRONOMIA

Se quisermos, porém, julgar o agrônomo como elemento positivo a influir na comunidade rural, é preciso então considerar a sua formação. Uma crítica se impõe ao sistema de ensino que se im-

plantou ingenuamente, copiando modelos estrangeiros à guisa de reforma universitária.

Massificou-se o ensino, sem empreender o diagnóstico de situações e necessidades, notadamente as de ordem pedagógica e didática. E em relação aos impositivos ecológicos, não parece haver adequação à problemática nacional e regional.

Multiplicaram-se as disciplinas e já não sobra tempo para a reflexão, notadamente, para os exercícios e práticas de campo. Ora, a formação do profissional de Agronomia requer a aproximação do educando com a natureza viva. O ensino há que ser problematizado e o estudante de Agronomia, como o professor das respectivas disciplinas sofrem a pressão de uma estrutura anacrônica, rígida, incompatível com a programação dos exercícios que, por natureza, exigem esquemas de trabalho elásticos, móveis.

Os organizadores apenas parecem ter visto as exigências da carga horária-aula para o aluno e para o professor. Enqueceram-se de que há coisas muito mais importantes — o expediente pedagógico e didático efetivo, para a orientação do Mestre, para as entrevistas, para que o aluno possa ir ao campo, à biblioteca e dar conta dos exercícios.

Resta-nos um corpo sem alma no modelo de formação generalizado, sem alternativas para as particularidades do serviço escolar. Ora, o estudante de Agronomia deveria ter tempo e condições de aprender fazendo, trabalhando, aplicando e, sobretudo, conscientizando-se.

Nosso ensino não se entranhou no condicionamento pedagógico e didático, nas formas naturais do trabalho e da vida. É pois a imagem residual daquele pássaro de cordas, daquele engenho artificial, que enguiçou, quebrou-se. É o presente chinês com que o áulico enganou o Rei.

Deveremos pedir respeitosa e conscientemente a sua revisão, bem como condições e meios com que alunos e professores possam trabalhar. O que está aí, direi com a minha responsabilidade de 30 anos de professor exclusivamente dedicado a esta Instituição, direi com o meu amor à Pátria e a minha convicção de brasileiro, é o esvaziamento, a desertificação mental com a ausência de efetiva participação nos problemas da terra e do homem.

NECESSIDADE DE UMA FUNDAÇÃO DE APOIO UNIVERSITÁRIO EM MEIO RURAL

Dizia Santo Agostinho que a verdade é doce e amarga: quando é doce, perdoa; quando é amarga, cura. Diremos que o nosso

propósito é trazer aqui para todos nós a verdade como um doce amargo que possa ao mesmo tempo, perdoar e curar.

É oportuno aqui sublinhar aquele inteligente conceito de Paulo Freire, segundo o qual, “o agrônomo não pode, em termos concretos, reduzir o seu que fazer a esta neutralidade inexistente: a do técnico que estivesse isolado do universo mais amplo em que se encontra com o homem”.

A crítica permanente que se lhe faz reforça a noção de sua responsabilidade como líder e educador, um agente de mudança. Daí por que a sua formação há que ser integrante e integrada em relação à vida.

Mas, o que se passa atualmente? Está faltando o sistema operacional compatível. Desde 1960, quando publicamos o nosso livro *Agropecuária e Desenvolvimento do Nordeste*, em contato com o Banco do Nordeste, onde estagiamos, e com a SUDENE, quando éramos representantes do Ceará no Conselho Deliberativo daquela Superintendência, apresentamos a idéia da Organização de um Projeto-Piloto Universitário no Vale do Curu, tendo por base a Fazenda Experimental da Escola de Agronomia ali existente (Vide pp. 162 e seguintes op. cit.)

A 17 de setembro de 1969, no Ciclo de Estudos sobre Universidades e Liderança, como debatedor de Tese apresentada por Guimarães Duque, insistimos na idéia do Projeto como raio de integração da vida universitária no desenvolvimento econômico e social, a partir do Vale irrigado (Da Agricultura Ecológica à Agronomia Social, pp. 67 a 78).

Por ocasião do 1.º Seminário Sobre O Nordeste Semi-árido, promovido pela SUDENE em Recife entre 4-8 de março de 1974, oferecemos como contribuição do Grupo da UFC o trabalho com o título: *Programa de Treinamento Rural Integrado*, tendo como objetivo geral: o treinamento de pessoal objetivando mudança de atitude em face dos problemas da comunidade rural com vistas a uma contribuição nacional para o seu desenvolvimento.

A matéria foi aprovada e inserida no Relatório Final da SUDENE sobre o mesmo seminário (Op. cit. p. 15).

A nossa conclusão é que sem um modelo desta natureza, constituído em Fundação de Apoio Universitário, será impossível levar a bom termo o desenvolvimento do ensino de Agronomia.

A indicação integra-se perfeitamente no conteúdo das proposições contidas no Relatório da UNESCO (Organização das Nações Unidas a Ciência e Cultura), como se poderá ler no livro de EDGAR FAURE, sob a epígrafe *Aprender a Ser*.

O fim da educação, dizem as autoridades da UNESCO, é permitir ao homem ser ele próprio, "vir a ser". Há uma tendência de abolir o sistema educativo de preferência a reformá-lo, pois o mesmo se acha envelhecido e paralizado. Cresce o prestígio do ensino baseado na reflexão, alargando as funções do autodidatismo, exigindo-se um sistema de educação permanente, a transformação dos sistemas educativos *fechados* em sistemas *abertos*. Procurar-se-á conciliar a educação geral e a formação técnica e, o que mais importante é: *associar, estreitamente educação e trabalho*. Enquanto repudia todo o sistema de especialização limitada e precoce, tenderá a transformar as Universidades em instituições de vocação múltipla, abertas aos adultos e aos jovens, destinadas tanto à formação contínua e à reciclagem periódica, como à especialização e investigação científica.

AS DIRETRIZES DA UNESCO E SUA APLICAÇÃO PELA UNIVERSIDADE NOS VALES IRRIGADOS

A fazenda experimental da Universidade no Vale do Curu, onde o nosso Centro de Ciências Agrárias mantém com as suas equipas de professores altamente qualificados serviços de pesquisa fundamentais, poderá servir de ponto de partida, para o desencadeamento, no Nordeste brasileiro, de um vasto CAMPO EDUCATIVO, segundo aquele sistema da renovação proposta pela UNESCO.

O imóvel da nossa Universidade, suas instalações, campos, máquinas, rebanhos constituiriam bens que passariam ao Patrimônio da FUNDAÇÃO DE APOIO UNIVERSITÁRIO.

A nova organização seria instituída por lei federal e teria Estatuto próprio de modo a integrar num sistema toda a Universidade a que passaria a servir, mas, funcionando com autonomia de administração. Teria uma Diretoria integrado de professores da Universidade, especialmente os pesquisadores e agrônomos do Centro de Ciências Agrárias e, além de uma Diretoria Executiva, um Conselho Diretor, Tesouraria, Comissões Técnicas e outros órgãos.

A FUNDAÇÃO DE APOIO UNIVERSITÁRIO teria por finalidade realizar um sistema de educação *aberto*, bem como a pesquisa e implantar modelos de produção agropecuária, tendo como base o treinamento de pessoal em diversos níveis, objetivando mudança de atitude em face dos problemas da comunidade rural com vistas a uma contribuição para o seu desenvolvimento.

A idéia já foi aprovada no 1.º Seminário da SUDENE sobre o Nordeste Semi-árido, realizado em Recife entre 4 e 8 de março de 1974, sob a epígrafe de PROGRAMA DE TREINAMENTO RURAL INTEGRADO, tendo sido o mesmo apresentado pelo expositor desta palestra.

Resta agora complementá-la com a Fundação de Apoio Universitário e com as diretrizes e bases da UNESCO. E para este fim oferecemos o modelo anexo.

A fundação, autônoma, teria recursos mediante acordos firmados pela mesma com a SUDENE, DNOCS, BANCO DO NORDESTE S/A, INCRA bem assim com outros órgãos do Estado e Municípios, entidades nacionais e estrangeiras.

1. TÍTULO: PROGRAMA DE TREINAMENTO RURAL INTEGRADO

2. OBJETIVOS:

Geral — Treinamento de pessoal objetivando mudança de atitude em face dos problemas da comunidade rural com vistas a uma contribuição racional para o seu desenvolvimento.

Especiais — O Projeto a ser elaborado compreenderia, entre outros, os seguintes campos:

- a) a Universidade, agindo por intermédio de suas diversas Escolas, Institutos, Fazendas, Hospitais, Fábricas, Laboratórios, objetivando o ensino, implantando e executando a pesquisa, realizando a extensão universitária em relação às comunidades rurais e urbanas adjacentes, articulados os serviços entre si, bem assim como as demais unidades do setor público e entidades privadas mediante convênio;
- b) o grande açude aproveitado economicamente pela energia e para a irrigação, produção agropecuária e pesca, administrado pelo DNOCS em articulação com a Universidade, com o Estado e com os Municípios;
- c) a fábrica de campo, de organização cooperativista, articulada com a Universidade, com os produtores, com o Estado ou com os Municípios conforme o projeto;
- d) a Escola, compreendendo a articulação dos serviços educacionais com a Universidade em todo o Vale;
- e) organização dos produtores em sociedades de economia mista ou cooperativas, com a participação de trabalhadores, empresários e governo;
- f) organização dos Municípios mediante uma programação integrada de obras e serviços com a assistência dos órgãos técnicos governamentais e da Universidade.

Todo o sistema representará um vasto campo de experiências para a Universidade, convergindo para os diferentes aspectos: geográfico, econômico, agrícola, tecnológico, médico, sociológico, jurídico,

dico, educacional etc. Consequentemente, grupos de trabalho, constituídos pelos Departamentos de demais unidades governamentais interessadas, estudarão as prioridades para o tracejamento dos objetivos especiais e subprojetos.

3. JUSTIFICATIVA:

Para que se faça a integração da vida universitária no processo de desenvolvimento econômico e social, carece a Universidade de organismo e funcionalidade. A Universidade, como Escola, oferece-se a ótica da Universidade como ação de trabalho: aprender fazendo. A aprendizagem em função do trabalho deverá ter como *campus* os setores naturais das atividades humanas da Região.

O problema consistirá em estabelecer uma área de operações, seguindo-se o critério da geografia ativa, ou melhor, aquilo a que os franceses chamam *l'aménagement de l'espace*.

4. LOCALIZAÇÃO:

A localização de projeto, que pode ser implantado não só na Universidade do Ceará, mas nas outras do Nordeste de acordo com outras indicações ajustadas, terá lugar à guisa de exemplo, no Ceará, o Vale do Curu, a partir de sua *Fazenda Experimental do Vale do Curu*. É esta a base de operações da Universidade, que mantém numa área de 800 hectares de terras, em parte, irrigadas, projetos de pesquisa e experimentação agropecuária, operando em convênio com a Universidade do Arizona.

Uma área em que a Universidade Federal do Ceará já possui, em ambiência natural, importante base de operações é o Vale do Curu. Sobre uma extensão de 8.350 km² em que se encravavam diversos municípios, o DNOCS fez construir nada menos de cinco grandes barragens, bem próximas uma das outras, a saber.

- a) o Açude Pentecoste, com capacidade de 396 milhões de metros cúbicos, construído em 1956;
- b) Açude General Sampaio, com 322 milhões de metros cúbicos, construído em 1935;
- c) Açude Caxitoré, com 202 milhões de metros cúbicos;
- d) Tejuçuoca, (projetada) barragem com 50 milhões de metros cúbicos;
- e) Serrota, barragem com 3 milhões de metros cúbicos de capacidade. O volume de água contido nestes açudes soma 973 milhões de metros cúbicos, com possibilidade de aproveitamento hidrelétrico, já existindo instalações. O aproveitamento hidrelétrico ajudará a desenvolver em torno a agroindústria que poderá funcionar dinamizando a exploração conjugada da faixa úmida e da área seca circundante.

O sistema merece ser consideravelmente ampliado, para, desenvolvido o núcleo fundamental, de conteúdo e sentido agrônômico, ser complementado ou suplementado de modo a absorver toda a Universidade, com as suas diversas Escolas e Institutos tendo em vista servir à comunidade e ao seu desenvolvimento econômico e social. Assim, toda a zona, com o apoio da faixa úmida e eletrificada, abriria um novo campus universitário ao manejo ou planificação regional da área do Vale com as suas fazendas, municípios e comunidades.

A área de operações seria destinada a servir:

- a) de treinamento às diferentes unidades universitárias na objetivação do ensino, extensão e pesquisa;
- b) de experiência à implantação de pesquisas tendo em vista a produção de normas, processos e técnicas de desenvolvimento regional, adequadas ao meio;
- c) de extensão dos resultados desta experiência que possibilitará não só o adestramento do pessoal, mas levar o desenvolvimento a outras áreas;
- d) de emprego e aperfeiçoamento, uma vez que o sistema ainda permitiria o engajamento preliminar de jovens estudantes universitários do último ano de graduação mediante bolsas de estudo, bem assim de novos graduados, e ainda o treinamento ou estágio de profissional procedente de empresas particulares ou serviços públicos.

5. ÓRGÃOS EXECUTORES:

Ministério da Educação por cada Universidade que possa implantar o projeto.

6. FONTES DE FINANCIAMENTOS:

Ministério de Educação por suas Universidades e Escolas, Ministério do Interior, SUDENE e outros.

7. ESQUEMA DE ARTICULAÇÃO DAS REGIÕES RESPONSÁVEIS:

O programa e seus projetos dependem de articulação das Universidades com o Ministério da Agricultura, DNOCS, Serviço de Extensão Rural, Secretaria de Agricultura, Ministério da Saúde e Secretarias de Saúde e Municípios.

11.10.1976